

Cerâmica Kadiwéu

Dirceu Mauricio van Lonkhuijzen

Geógrafo, especialista em Educação Ambiental e curador da coleção de Arqueologia do Museu das Culturas Dom Bosco – MCDB.

dirceu@mcdb.org.br

Este trabalho apresenta uma breve reflexão sobre o modo de produção coletivo da cultura ceramista do povo Kadiwéu, com destaque para sua origem e produção, desde sua função utilitária até se transformar em um ícone do artesanato indígena do estado do Mato Grosso do Sul.

Oriundos do Chaco paraguaio e atualmente localizados na Reserva Indígena Kadiwéu na região da serra da Bodoquena, município de Porto Murtinho, estado do Mato Grosso do Sul. Os índios Kadiwéu, são denominados¹ por diferentes autores, dentre estes: pesquisadores, antropólogos e etnólogos como “Índios cavaleiros” ou “Índios Guerreiros” e hoje tem na cultura material ceramista seu ícone de identidade.

Autodenominavam-se Ejiwajegi e seus ancestrais os Mbayá- Guaikuru falam língua semelhante aos Kadiwéu, que são considerados os últimos remanescentes deste grupo no estado.

No período pré-colonial eram seminômades, caçadores coletores de grande habilidade, já possuíam aldeia fixa, mas se destacavam nos confrontos com outros povos para conquistar e defender territórios. Assim as pessoas capturadas nestes confrontos deveriam servir os Mbayá nas atividades cotidianas e as crianças seriam criadas como um Mbayá.

Foram parceiros dos Payaguás nas batalhas contra os não-Índios, como os monçoeiros que chegavam em busca do ouro nas minas de Cuiabá. Mais tarde, aliados da Coroa Portuguesa na defesa das fronteiras contra o exército Paraguai e Índios Guarani durante a guerra do Paraguai² entre os anos 1864 e 1870.

¹ “Alem de Guaicurús ou Guaycurus, diversas denominações aparecem em livros e documentos referenciando-se ao grupo no passado, dentre elas: Caduvei, Caduvéu, Cadioéus, Cadiuéus, Cadivéns, Kadiueu, Kadivéu” (Herberts 1998).

² “depois dessa guerra o Brasil reforçou sua influencia sobre os Mbayá que atraídos pelos presentes recebidos das autoridades do Império, visitam anualmente Corumbá, Coimbra e Albuquerque, onde

Hoje os únicos remanescentes dos Mbayá já não usam mais as técnicas de batalhas para defenderem suas terras e passaram a utilizar atividades artesanais, tais como a produção ceramista, transmitida pelas últimas gerações de mulheres indígenas, uma vez que, cabem aos homens as atividades de caça, coleta e atualmente o manejo de gado.

Conforme a literatura consultada sabe-se que os Kadiwéu passaram a utilizar a cerâmica recentemente, pois estudos apontam que a eficácia na produção ou mesmo no trabalho com o barro queimado surgiu depois de virem da região Chaquenha, ocupando o Pantanal, ambiente que provavelmente encontraram matéria prima de melhor qualidade.

Neste sentido, a área da atual reserva indígena Kadiwéu é classificada geologicamente como *Formação Pantanal*, que se caracteriza por sedimentos arenosos, silticos-argilosos e argilo-arenosos, apresentando depósitos fluviais e lacustres em áreas periodicamente inundáveis, resultando em diferenciações pedológicas, que no caso dos materiais argilosos, ocorrem em abundância e diversidade.

O processo de manufatura da cerâmica provavelmente foi assimilado de outro povo aprisionado, assim como outros hábitos que não são comuns aos povos com modo de vida nômade.

“A pericia no fabrico e ornamento da louça até agora só se tem encontrado entre tribos agrícolas que tem habitações fixas”.
(Herberts, p.198, 1998).

Possivelmente as técnicas de modelagem e da queima do barro foram assimiladas dos Guaná, que já eram agricultores e já possuíam os conhecimentos e habilidades para a confecção de peça em cerâmica como potes e vasilhames.

As técnicas da produção de cerâmica devem ter passado por gerações até que fossem absorvidas e repassadas com riqueza de qualidade para os mais novos, contendo informações desde a coleta do barro, modelagem, queima e principalmente da decoração ou ornamentação das peças.

Em relação à coleta da matéria prima, o trabalho de obter argila, coletando em vários pontos como lagoas e barrancas de rios, já foi um trabalho do homem Kadiwéu. Atualmente este trabalho é realizado pelas

trocam seus troços por pólvora, panos, facas e outras coisas; lá são atraídos com presentes de fuzil antigo, de uniformes de refugio e diplomas de oficiais do exercito Imperial” (Boggiani p.267, 1975).

mulheres e cabe aos homens obter o *Pau Santo*³ madeira que será usada na decoração das peças de cerâmicas.

As decorações cromática das peças apresentam as cores preta do *Pau Santo*, o branco do *Caulim*⁴, além das cores vermelho, marrom, amarelo e rosa que são obtidos em diferentes tipologias de barro. Depois de coletado o barro é levado até a artesã que muitas vezes trabalha na companhia de outras mulheres para produção de belas peças em cerâmica⁵.

“Para a confecção da cerâmica, ocorre, normalmente, a adição de materiais desengordurantes ou temperos (anti-plásticos) [...] substancias inorgânicas: grãos de quartzo, mica, feldspato; cacos triturados; pedras calcárias, areia, terra, tijolo e telhas triturados [...]

(Ribeiro, B. p.30-31, 1988).

A queima das peças acontece em céu aberto, onde são colocadas em uma grande fogueira cavada no chão. Logo após começa o trabalho de decoração das peças com a cerâmica ainda quente, primeiro com a cor preta e depois o branco e as demais cores, representando os estilos geométrico, abstrato e o estilo figurativo.

“Os signos e os motivos cromáticos adotados por esses índios para aplicação na decoração de seus objetos de cerâmica, as complexas tatuagens realizadas em seus corpos e outras manifestações pitorescas e artesanais sempre foram muito admirados por sua sofisticação e beleza”

(Martins, G. R. p.58, 2002).

Recentemente o estilo figurativo de decoração tem apresentado uma valorização de figuras de animais e peças em miniaturas, produzidas como “Souvenir”, aspecto intensificado por de uma demanda consumidora de artesanato indígena, que mesmo em um nicho específico de público consumidor pequeno, estimula as modificações do tipo de produção ceramista.

³ O Pau Santo é preparado da seguinte forma: corta-se um galho em tiras, estas são aquecidas em cozimento, resultando em uma resina de cor preta que será usada na decoração das peças de cerâmicas.

⁴ Embora o mineral caulinita ($Al_2O_3 \cdot 2SiO_2 \cdot 2H_2O$) seja o principal constituinte do caulim, outros elementos além do alumínio, tais como silício, hidrogênio e oxigênio acham-se geralmente presentes.

⁵ “os Kadiwéu são conhecidos como os criadores de uma das melhores cerâmicas indígenas brasileiras” (Ribeiro, D. p.287, 1980).

Podemos concluir que a produção ceramista Kadiwéu sofreu alterações ao longo dos tempos, como também, é condizente com outros pesquisadores, dizer que cada vez mais a produção de cerâmica artesanal é uma marca de identidade cultural do povo Kadiwéu e do artesanato indígena no Mato Grosso do Sul.

Artigo publicado nas pág. 30 a 33 do livro *Vozes do Artesanato*/Fabio Pelegrini – Campo Grande: MS, Ed. FCMS, 2011.

ISBN 978-85-63709-14-1

Bibliografia

- BOGGIANI, G. *OS Caduveos*. Tradução de Amadeu Amaral Junior. Belo Horizonte - MG/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1975.
- CAMILLO, A. M.F.P. *Cerâmica Kadiwéu*. Tese de mestrado em História, UFMS, Aquidauna – MS, 1999.
- HANKE, W. *Cadivéns y Terenos*. Arquivos do Museu Paraense, Curitiba, v.2, jul.1942.
- HERBERTS, A. L. *História dos Mbayá-Guaicurú: panorama geral*. Fronteiras- revista de História, Campo Grande, vol. 2 n.4, jul/dez.1988.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes Trópicos*. Tradução de Rosa freire D´Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MARTINS, G. R.. *Breve painel etno-histórico de Mato Grosso do Sul* - Campo Grande: Ed. UFMS. 2002.
- RIBEIRO, B. G. *Dicionário do artesanato indígena*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1988.
- RIBEIRO, D. *A arte dos índios Kadiuéus*. Cultura, n°4. Rio de Janeiro, 1950.
- _____. *Kadiuéu: Ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza*. Petrópolis: Vozes, 1980.